

**As Sombras da Morte na Pós-Modernidade:
Questões levantadas a partir do romance *A Morte de Carlos Gardel*, de Antônio Lobo Antunes**

Mariana Montenegro Rato

O escritor português Antônio Lobo Antunes, ao longo dos últimos anos, vem-se afirmando como uma personagem ímpar no mundo da literatura, não somente em Portugal, como também em outros países como França, Suécia e Estados Unidos.

Formado em medicina, com especialização em psiquiatria, Lobo Antunes trabalhou por algum tempo no hospital psiquiátrico Miguel Bombarda, em Lisboa e sua formação e trabalho certamente o ajudaram a melhor conhecer os mistérios da mente humana, explorados com maestria em sua obra literária, como teremos oportunidade de observar. Além disso, o escritor viveu em Angola, como tenente e médico do exército português, durante a fase final da Guerra Colonial portuguesa, que seria posteriormente tema de alguns de seus romances.

Também foi um cidadão politicamente engajado (por exemplo militante da APU – Aliança Povo Unido, coligação liderada pelo Partido Comunista Português), o que faz com que possamos considerá-lo um escritor com posicionamento intelectual, um homem esclarecido sobre a situação política, social (e a História) de seu país. Em alguns de seus textos, como *A explicação dos pássaros*, *Auto dos Danados* e *As naus*, o passado de Portugal é revisto, numa perspecti-

va muito própria do autor, que expõe as fraquezas, as impotências, as desmedidas ambições, as manias do povo português, que haviam sido ocultadas, em nome de uma versão heróica da História.

Em livros como *Tratado das paixões da alma*, *A ordem natural das coisas* e *Manual dos Inquisidores*, Lobo Antunes utiliza como enredo as contradições que cercaram o imaginário revolucionário de uma burguesia empolgada pelo 25 de Abril, os traumas profundos deixados pela guerra colonial, o regresso dos colonizadores à pátria primitiva. Isto permitiu-lhe, de imediato, obter um reconhecimento junto dos leitores, porque seu texto estava “colado” a uma realidade que cada um dos portugueses conhecia muito bem.

Por um lado, não foi tão fácil agradar à crítica. Havia certa desconfiança em relação a um estranho que se intrometia no meio literário, seu estilo era considerado excessivo e o próprio sucesso de público não era algo bem visto. Por outro lado, Lobo Antunes foi-se tornando um dos escritores portugueses mais lidos, vendidos e traduzidos em todo o mundo e pouco a pouco, a sua escrita concentrou-se, adensou-se, ganhou espessura e eficácia narrativa. Portanto, os críticos não podiam ignorá-lo e tiveram de curvar-se a ele. Hoje, a própria academia reconhece que a obra antuniana traça um dos quadros mais exaustivos e sociologicamente pertinentes do Portugal do século XX.

Acreditamos que, na realidade, ele traça um quadro social do mundo (leia-se ocidente) dos séculos XX e XXI, ou seja, do que se convencionou chamar a pós-modernidade. As relações entre os ho-

mens e as questões que abalam o ser humano, nos parecem a temática mais interessante quando lemos textos de Lobo Antunes. Assim, a partir da leitura do romance *A Morte de Carlos Gardel* e, principalmente, a partir da presença do signo *morte* em seu título, iniciaremos uma espécie de viagem por alguns questionamentos que nos parecem bastante pertinentes à contemporaneidade. Uma viagem nas sombras.

Em *A Morte de Carlos Gardel*, o episódio da morte propriamente dita desse famoso cantor é apenas mencionada, não é a questão central, como o título poderia dar a entender. Em um de seus relatos, Cláudia se lembra do ex-marido que, quando ainda viviam juntos, ouvia um disco deste cantor de tangos e também se lembra de quando ouviu a voz de Gardel pela primeira vez e perguntou quem era a um tio, que lhe respondeu, mostrando a fotografia de um senhor de brilhantina e lábios pintados, com um sorriso de anjo deposto

- “– O grande Carlos Gardel, ignorante
[...]
- O grande Carlos Gardel, falecido num acidente de avião.”
(ANTUNES, 1994, p. 161)

De fato Gardel morreu em um desastre de avião, no ano de 1935, com apenas 44 anos, no auge de sua carreira, tornando-se, a partir de então, um mito. No livro de Lobo Antunes nenhum detalhe a mais sobre sua morte é mencionado, nem qualquer fato relativo à sua vida, ele é apenas uma voz que ecoa, um “fundo musical” para algumas “cenas” (não propriamente cenas e sim passagens construídas com base em lembranças) presentes nos relatos.

Talvez o título deva ser lido como algo metafórico, porque o texto de Lobo Antunes, como um todo, aponta para a morte (no sentido de esgotamento, desaparecimento) de algo que o tango (e Gardel como ícone) representa: os sentimentos derramados, exacerbados, extravasados, incontidos. Gardel não interessa enquanto pessoa (ou enquanto personagem) e sim enquanto mito da cultura popular da Argentina, cultuado até hoje, setenta anos após sua morte, e que conquistou incomum popularidade também em outros lugares do mundo, principalmente na Europa, na primeira década do século XX.

Lobo Antunes, que já havia combatido mitos em livros anteriores (como o da gloriosa pátria portuguesa, da expansão do império e da fé na época dos Descobrimentos, por exemplo), decreta neste romance a morte de um tipo de amor (conhecido como amor romântico), que faz duas pessoas serem uma, por quem se é capaz de morrer.

No início do século XX, Gardel cantava dores de amor infundas, pela perda do ser amado e dizia, em uma das letras de seus tangos: “otros se quejan llorando, yo canto por no llorar” (trecho da letra do tango *Milonga Sentimental* – outros se lamentam chorando / eu canto para não chorar). O amor era tão fortemente vivenciado que não valeria a pena viver se não fosse junto à pessoa escolhida:

Por una cabeza, si ella me olvida qué importa perderme mil veces la vida, para qué vivir. (tango *Por Una Cabeza* – Por uma pessoa / se ela me esquece / que importa perder-me / para que viver?)

Contudo, vivemos numa época em que as relações humanas estão em crise, está “na moda” controlar os sentimentos. Melhor falando, o medo de sentir nos paralisa, o medo de vir a sofrer por amor faz com que, muitas vezes, preferamos não vivenciar intensamente o amor, faz com que optemos por relações superficiais. Algumas vezes, o amor existe, mas permanece como escondido dentro de cada um, não se mostra. Não há uma comunicação eficiente, verdadeira, completa.

Estudando a fundo o amor na contemporaneidade, Zygmunt Bauman chama a atenção para a existência de um sério conflito. Diz ele que homens e mulheres atualmente estão:

[...] desesperados por terem sido abandonados aos seus próprios sentidos e sentimentos facilmente descartáveis, ansiando pela segurança do convívio e pela mão amiga com que possam contar num momento de aflição, desesperados por “relacionar-se”. E no entanto desconfiados da condição de “estar ligado”, em particular de estar ligado “permanentemente”, para não dizer eternamente, pois temem que tal condição possa trazer encargos e tensões que eles não se consideram aptos nem dispostos a suportar, e que podem limitar severamente a liberdade de que necessitam para – sim, seu palpite está certo – relacionar-se. (BAUMAN, 2004, p. 8)

Como uma forma de “comprovar” essa tese pelo romance, podemos citar a personagem Raquel que, em seus relatos, deixa claro ter-se casado com Álvaro para não ficar só; Álvaro que, por sua vez, resolve dizer a Cláudia que não a ama quando ela fica grávida, o que significava novas responsabilidades a serem assumidas.

Junto com a mudança da postura diante dos sentimentos, naturalmente mudaram também os valores humanos. A família que outrora representara um porto seguro é mostrada por Lobo Antunes, exímio observador do cotidiano, como algo falido. Mães abandonam filhos, esposas deixam maridos e vice-versa; tudo em nome da busca de uma felicidade que nunca chega porque cada um está irremediavelmente isolado dos demais, os personagens apenas constroem (para depois destruir) imagens uns dos outros.

Álvaro, por exemplo, deixa Cláudia e, depois de algum tempo, vai viver com Raquel, mas é tão infeliz com uma, quanto fora com a outra, permanece indiferente aos sentimentos de uma como permanecera aos da outra, permanece negando seus próprios sentimentos.

Parece-nos que o que importa a Lobo Antunes não é criar um enredo interessante, mas mostrar como os *laços* humanos se desenvolvem (e melhor ainda como deixam de se desenvolver ou se rompem) entre as personagens. A história não vai crescendo tanto numa linha temporal, mas vai crescendo em número de possibilidade de “leituras” dos acontecimentos.

A própria estrutura escolhida para a escritura do texto pode estar diretamente relacionada a essa opção. O romance em questão (e outros do autor, como *Exortação aos crocodilos* e *Manual dos Inquisidores*) não somente não tem um narrador do tipo onisciente, como não tem narrador de espécie alguma. Ele tem vários personagens que dão seus relatos sobre episódios que viveram e, muitas vezes, um mesmo episódio é *narrado* por mais de um personagem. Assim, te-

mos pontos de vista diferentes e ninguém que possa tentar dar conta de organizar os relatos e estabelecer uma Verdade.

De fato se existe ou não uma verdade não é ela que interessa, mas o comportamento, o pensamento, o sentimento de cada um diante das situações narradas. As diferenças de ótica de cada um dos personagens sobre uma mesma situação vivida parece ser um dos motivos para que as relações não dêem certo: é como se cada um vivesse uma situação diferente, não há comunicação. A ausência de diálogos explícitos ao longo do texto pode ser mesmo uma metáfora dessa falta de diálogo entre as pessoas. Como o que aparece são somente as lembranças das conversas, essas conversas se transformam em recortes, reinvenções, desconstruídas umas das outras. O que está no relato de um personagem não é bem o que o outro teria falado, mas o que aquele personagem – narrador provisório – ouviu o outro falar, ou pensou ouvir, ou mesmo desejou ouvir. Os personagens se desencontram na linguagem, como se desencontram no modo de vivenciar o sentimento.

Os relatos vão trazendo, de forma bastante embaralhada, lembranças de vários tempos diferentes, passados bem distantes (da infância de quem relata, por exemplo) e situações aparentemente vivenciadas mais recentemente. A estrutura da escrita funciona de forma bem parecida com a de nossos pensamentos, sem se organizar, trazendo fragmentos. Assim, não podemos deixar de considerar que as habilidades adquiridas pelo exercício da medicina psiquiátrica parecem ser usadas pelo escritor.

Há, por exemplo, um dos relatos de Álvaro em que ele rememora, ao mesmo tempo, a sua chegada, ainda criança, à casa do avô, a morte do velho, a chegada da irmã, algum tempo depois, e um telefonema seu para a irmã, já velho, depois de uma de suas visitas ao filho hospitalizado.

Esse mecanismo de rememorar situações diversas, distantes no tempo (um fato da infância, outro da juventude, outro da velhice, por exemplo), em fragmentos que se misturam, não é, obviamente, gratuito. Os fatos têm sempre algo em comum, carregam uma significação na trajetória do personagem que os aproxima. Há situações de perda, de abandono (abandonar num momento, ser abandonado em outro e vice-versa), de separação, que evocam sensações parecidas e acabam remetendo umas às outras.

Em meio a tantas lembranças, um episódio marcante da infância se destaca e se associa às passagens do passado mais recente. Na casa do avô,

“[...] lá estava o cão diante da tigela intacta, [...] o veterinário a abrir o cesto, a baixar-se para o cachorro cuja pele se pregueava de chagas entre os ossos, e levá-lo para a injeção de potássio – Uma picadinha na veia, não se preocupe que o animal não sofre [...]” (ANTUNES, 1994, p. 42.)

no telefone, para a irmã, que é médica, Álvaro diz:

“– Uma injeção de potássio, mana, o veterinário garante que não dói, uma picadinha na veia e acabou-se, talvez tenhas uma seringa aí à mão.” (ANTUNES, 1994, p. 44.)

É comum sacrificar os animais quando estes estão doentes e não há cura para suas enfermidades. Alega-se que o animal é morto para deixar de sofrer e por isso Álvaro parece crer que um ser humano (no caso, Nuno) também poderia ser *sacrificado* para deixar de sofrer (a palavra *sacrificar* talvez seja das mais mal aplicadas de nossa língua, pois continuar vivendo é que seria um grande sacrifício para o animal – ou para a pessoa):

“– Daqui a pouco, é uma questão de dias, uma questão de horas, ele não agüenta o sofrimento, ao menos isso, compreendes, podíamos poupar-lhe [...]” (ANTUNES, 1994, p. 44)

Assim, comparece no romance um tema muito interessante e também ligado ao signo da *morte*: o da eutanásia. Tal questão vem sendo discutida amplamente na imprensa e pela comunidade médica. Somos levados a pensar na morte como solução, mas, ao mesmo tempo, existe toda uma cultura cristã que trás o peso da culpa, que aproxima eutanásia de assassinato ou suicídio. Sem contar o poder que a igreja ainda detém para ditar regras que, muitas vezes, são aceitas pelo Estado, o que impede a criação de leis voltadas para o assunto.

Em filmes como “Mar adentro”, “Menina de ouro” e “Invasões bárbaras” ou em debates públicos da vida real, como o caso Terri Schiavo (uma mulher americana que ficara 15 anos vivendo por meio de aparelhos, que enfim foram desligados por determinação judicial), a questão que se coloca é sobre o direito de morrer.

A sociedade contemporânea é profundamente influenciada por movimentos e ideologias que pregam a liberdade de viver e de escolher como viver. No entanto, não é considerado natural tomar decisões sobre a morte. Os suicidas, por exemplo, são pessoas estigmatizadas e deixam esse estigma, muitas vezes, de herança às suas famílias.

Se pararmos para pensar, não poder decidir pela morte e ser obrigado a viver em certas condições, como deitado numa cama de hospital e ligado a uma série de aparelhos, significa não poder escolher como viver. Contudo, ainda é muito forte em nossa cultura a herança religiosa: *somente Deus pode tirar a vida, que é o nosso bem mais precioso*. Assim, a discussão se torna muito complexa e envolve muitas instâncias, como sociedade, governo, igreja. Não se chega a uma conclusão sobre onde estão os limites de controle de cada um sobre a própria vida.

Existem casos em que o ser humano já não possui nem mesmo condições de decisão e este controle fica a cargo de algum responsável legal. Caso esta pessoa seja a favor de facilitar a chegada da morte (seja simplesmente desligando aparelhos que estejam sendo usados como único meio de manter alguém vivo, seja pelo uso de drogas, em casos em que o corpo se mantém vivo, mas há sofrimento e não existe esperança de cura), é acusada de não querer arcar com suas responsabilidades, de ver o outro como um fardo que não deseja carregar. O estado, por sua vez, é acusado de não se interessar mais por aquele indivíduo, por ele não ser mais ativo, não poder servir ao

Estado (algumas vezes significando, inclusive, despesa), considerando a lógica de mercado que tende a ver os indivíduos como *máquinas*.

As discussões em torno do assunto são muitas e os argumentos outros tantos, mas parece-nos que o mais interessante é ver como o signo Morte redimensiona o sentido do signo Vida. A morte nos é desconhecida e, mesmo que tenhamos crenças religiosas que nos levem a acreditar em vida após a morte, o que temos de concreto é a vida antes da morte e, num caso como o de Terri Schiavo ou o de Ramón Sampedro (protagonista de “Mar Adentro”), a questão é: até que ponto havia Vida antes da morte?

No caso do romance, há Vida nos relatos dos personagens?... Parece-nos que a morte é uma questão central para muitos deles: o desejo de morrer, porque já não Vivem, no sentido mais amplo da palavra, ou de matar algo dentro deles que os impede de Viver. No final do relato de Álvaro, por exemplo, em que ele relembra a conversa com sua irmã, ele diz que a injeção de potássio não deveria ser dada a Nuno (“ao Nuno, não, Nuno melhora”), mas a ele, antes que chegue a Raquel, antes que ele tenha que se confrontar com a ex-mulher. É como se, para seu filho, apesar de este ser um doente em estado terminal, ainda houvesse uma esperança que para ele não existe mais.

Em nosso título falamos em sombras da morte. Trata-se de uma brincadeira, um jogo com a idéia de que as questões levantadas neste trabalho (sobre a morte de certos valores e os valores que estão

relacionados à morte) vivem nas sombras: não são totalmente obscuras, são passíveis de discussão e são discutidas, inclusive, na (ou a partir da) literatura, mas também não habitam o terreno da luminosidade, visto que estamos longe de chegar a conclusões.

Parece-nos também que a literatura contemporânea de qualidade tem buscado justamente isso: fugir de temáticas didáticas, com uma moral pronta, uma verdade estabelecida, e provocar no leitor reflexões, novas buscas, fazê-lo interagir mais do que nunca com aquilo que lê.

No derradeiro relato de Raquel ela lembra que, no momento de sua partida, Álvaro afirmou que Gardel morreria. “Carlos Gardel morreu, e na cabeça dele [de Álvaro] Carlos Gardel não era Carlos Gardel era ele, e a Cláudia, e o Nuno, e o sótão do médico, e a vivenda de Benfica, e o vento nos loendros [...]”. Carlos Gardel era cada um dos personagens do romance. Carlos Gardel era cada um de nós, leitores, num passado cheio de falsas verdades, de falsas certezas, que Lobo Antunes nos mostra ser necessário e urgente deixar para trás.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Antônio Lobo. A Morte de Carlos Gardel. Lisboa: Dom Quixote, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

JÚDICE, Nuno. “Os mapas do humano em Antônio Lobo Antunes”. **In:** CABRAL, Eunice; JORGE, Carlos J. F. e ZURBACH, Christiane (Org.). A escrita e o mundo em Antônio Lobo Antunes – Atas do colóquio internacional da Universidade de Évora. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2003. p. 313-9.

LOURENÇO, Eduardo. “Divagação em torno de Lobo Antunes”. **In:** CABRAL, Eunice; JORGE, Carlos J. F. e ZURBACH, Christiane (Org.). A escrita e o mundo em Antônio Lobo Antunes – Atas do colóquio internacional da Universidade de Évora. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2003. p. 347-55.

MONTAURY, Alexandre. “Crônicas de Lobo Antunes: narrativas estilhaçadas”. **In:** SEMEAR: Revista da Cátedra Padre Antônio Vieira de Estudos Portugueses. n.7. Disponível em <http://www.letras.puc-rio.br/catedra/index.html>.

PIRES, José Cardoso. Dinossauro Excelentíssimo. 7. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1999.

_____. O Delfim. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

PIGLIA, Ricardo. Três Propuestas para el Próximo Milênio (y Cinco Dificultades). Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001.

RODRIGUES, José Carlos. Tabu da Morte. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

_____. Tabu do Corpo. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

SENNETT, Richard. O declínio do homem público: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.